

## ● CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES DESDE O ESTÁGIO NA CRECHE

Jéssica Castello Rondon<sup>1</sup>; Lara Lobo dos Santos<sup>2</sup> Alexandre Cougo de Cougo<sup>3</sup>; Rosimara Silva Correia<sup>4</sup>

1- *Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus do Pantana UFMS/CPAN. E-mail:*

*[jessica.castello@ufms.br](mailto:jessica.castello@ufms.br)*

2- *Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus do Pantanal UFMS/CPAN. E-mail:*

*[lara.lobo@ufms.br](mailto:lara.lobo@ufms.br)*

3- *Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus do Pantanal UFMS/CPAN. E-mail:*

*[alexandre.cougo@ufms.br](mailto:alexandre.cougo@ufms.br)*

4- *Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus do Pantanal UFMS/CPAN. E-mail:*

*[rosimara.correia@ufms.br](mailto:rosimara.correia@ufms.br)*

**Resumo:** O presente trabalho apresenta um relato de experiências de ações desenvolvidas no âmbito do estágio obrigatório do Curso de Pedagogia, na etapa da educação Infantil, em turmas de Nível III - Creche - desenvolvido por duas estagiárias em duas instituições distintas, com o objetivo de proporcionar o conhecimento e reconhecimento das culturas Africana e Afro-brasileira em nossa sociedade. Para tanto foram realizadas atividades que abordaram algumas das manifestações artísticas dentro dessas culturas, visando uma abordagem mais lúdica e envolvente para as crianças. O projeto foi formado com base em temas como a música, o artesanato, a luta/dança e a arte procurando criar um ambiente de aprendizagem participativa e significativa, conservando símbolos e elementos das culturas e provocando a reflexão da presença dos mesmos em nossa sociedade contemporânea. Foi possível observar um empenho positivo por parte das crianças através do acolhimento, das participações e envolvimento com as atividades. Além disso essa experiência referendou a relevância de se trabalhar com a temática da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira nos diferentes níveis da Educação Infantil. O projeto também destacou o papel fundamental dos educadores na construção de uma pedagogia antirracista e no estímulo à curiosidade e ao respeito pelas múltiplas culturas que compõem a sociedade.

**Palavras-chave:** educação infantil; cultura africana e afro-brasileira; projeto; crianças.

---

<sup>1</sup> O Presente trabalho foi apresentado no evento Seminário de Educação e Relações Étnico-raciais no dia 28 de novembro de 2024. Com os autores, Jessica Castello Rondon; Lara Lobo dos Santos; Alexandre Cougo de Cougo; Rosimara Silva Correia. Porém mesmo assim foi submetido a avaliação em banca no curso de pedagogia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

## INTRODUÇÃO

O presente texto trata-se de um relato de experiência construído a partir das vivências sentidas e compreendidas desde as práticas do Estágio Obrigatório do Curso de Pedagogia do Campus do Pantanal, estágio esse realizado em turmas da Educação Infantil, com crianças pequenas de três anos. É importante destacar que o relato emerge de uma costura entre práticas distintas realizadas em instituições também distintas, desenvolvidas por duas estagiárias através de oficinas nas suas respectivas turmas de estágio. O referido movimento da práxis aqui narrado é compreendido enquanto experiência desde a expressão de Larrossa (2016, p. 26), para quem “A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”. E ainda nas reflexões do autor, “É experiência aquilo que ‘nos passa’, ou que nos toca, ou que nos acontece, e, ao nos passar, nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (2016, p. 28).

O estágio é de extrema importância para a formação de professores/as e pedagogos/as, porque muitas vezes é o primeiro contato com o chão da escola, ao vivenciar a realidade e o contexto do professor e das crianças desde a Educação Infantil até o ensino fundamental. Além disso, o estágio para muitos também pode proporcionar novos conhecimentos e aprendizagens, onde o estudante pode realizar ações a partir do que aprendeu durante os seus estudos acadêmicos, assim como constituir novas compreensões no encontro instigado e reflexivo com a realidade socioeducativa. Segundo Pimenta e Lima (2006, p. 20)

O estágio, envolve, também, o conhecimento, a utilização e a avaliação de técnicas, métodos e estratégias de ensinar em situações diversas. Envolve a habilidade de leitura e reconhecimento de teorias presentes nas práticas pedagógicas das instituições escolares. Ou seja, o estágio assim realizado permite que se traga a contribuição de pesquisas e o desenvolvimento das habilidades de pesquisar. Essa postura investigativa favorece a construção de projetos de pesquisa a partir do estágio.

Desta forma, ao realizar-se o estágio obrigatório na Educação Infantil optou-se pelo desenvolvimento de uma ação pedagógica que englobasse o diálogo e o trabalho com a cultura africana e afro-brasileira. Essa escolha deu-se como uma forma de evidenciar e explorar a representatividade dessas culturas na sala de aula. É importante destacar ao longo de toda a Educação Básica, e sobretudo desde a Educação Infantil, que as pessoas negras foram e são importantes para a formação da cultura nacional, por isso a importância de se trabalhar a identidade negra e enfatizar como essa cultura está presente na construção da nossa sociedade e na nossa identidade enquanto povo. Segundo Gomes (2003, p. 77)

A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas.

Através desta temática buscamos trazer para as salas de referência um pouco da cultura africana e afro-brasileira de forma lúdica, com as crianças brincando e aprendendo. Também é relevante destacar que essa temática é assegurada por lei, a qual se deve trabalhar com as crianças as culturas africanas e afro-brasileiras, bem como as culturas indígenas através de suas histórias, de acordo com a Lei 10.639/03 e 11.645/08. Porém, mesmo sendo assegurada legalmente, as abordagens muitas vezes são apenas lembradas em datas comemorativas, como por exemplo a abolição da escravatura, o dia da consciência negra, o dia das populações indígenas, entre outros. Por este fato, trazer essa representatividade para as crianças e trabalhar desde os bebês, passando pelas crianças bem pequenas até as crianças da pré-escola e continuando nos demais anos de experiência escolar o respeito, a valorização, o reconhecimento das diferenças e a defesa da igualdade de direitos ao passo que as diversas culturas são apresentadas, em sua composição da sociedade, são aspectos importantes à construção de uma sociedade mais democrática e igualitária.

A opção do estágio em turmas e escolas diferentes se deu para mostrar distintas experiências, mas com o mesmo objetivo, porém aplicando essa escrita em conjunto e trazendo diferentes momentos e vivências. Dessa forma incluímos a ludicidade para despertar a criatividade das crianças, ao potencializarmos a arte através de máscaras africanas, colares e também instrumentos da capoeira por elas confeccionados. Tudo isso contribui para a afirmação da criança como sujeito histórico e de direitos tal como apresentados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010). Desse modo, foram selecionados para nortear nosso projeto: explorar e conhecer-se. Dessa forma buscamos levar para as salas de referência a diversidade cultural através da arte africana e a capoeira afro-brasileira e esperando contribuir e ampliar o repertório cultural e trazer esse movimento antirracista para trabalhar com as crianças, sendo este um conteúdo relevante para ser abordado nas escolas.

## **AÇÕES E VIVÊNCIAS**

Esse projeto foi realizado em duas instituições diferentes, ambos Centros Municipais de Educação Infantil em um município da região do Pantanal de Mato Grosso do Sul. As turmas são do Nível III, com crianças de três anos, com o acolhimento das professoras e coordenação pedagógica às estagiárias do Curso de Pedagogia.

Por meio de um projeto desenvolvido com foco nas perspectivas étnico raciais, observamos a manifestação e a interação das crianças através das artes, das músicas, da dança, da fotografia e das histórias. As crianças interagiram muito no momento em que tinham de manusear e mexer com tintas, fazer som com garrafas, chocalhos, entre outros, bem como ao cantar e dançar. Elas receberam com entusiasmo a contação de histórias, onde lhes foi apresentada uma narrativa que saiu um pouco do padrão - uma aparente fuga dos contos infantis clássicos colonizadores - e despertou a curiosidade. A presença das imagens de crianças negras e as manifestações de olhares das crianças nos permitiu refletir sobre as possibilidades frutíferas deste trabalho e como estes são evidenciados nos cotidianos e rotinas infantis.

O desejo de se fazer um aprofundamento da história da cultura africana e afro-brasileira a partir do surgimento da capoeira, que envolve uma história de luta pela vida e autodefesa de um povo que sofreu muito, infelizmente não foi algo tão profundo e que poderia ser mais acentuado em um outro momento com um outro tempo. Ainda assim, foi uma maneira de ressaltar que se pode trabalhar com projetos e que esses projetos possuem sua intencionalidade formativa e, além de tudo, compreender que as crianças estão se utilizando dos saberes dialogados em sua prática social e os utilizando no cotidiano de uma escola pública.

A primeira autora realizou o estágio em uma turma com dezessete alunos matriculados com idades entre três a três anos e meio. De início o projeto foi apresentado e analisado pelo professor regente da sala que confirmou a execução das práticas que consistia em cinco atividades voltadas às artes através da cultura africana, que se tratavam de colares, pulseiras, construção de um instrumento africano e cantigas africanas.

No primeiro dia de oficina foi trabalhada a confecção dos colares africanos com pratos plásticos. Ao iniciar as atividades foram apresentadas às crianças imagens coloridas de mulheres e crianças negras usando os colares, sendo que foram mostradas a elas também vários exemplos de pinturas de colares. Foram questionadas sobre as cores das imagens e sobre quem gostaria de possuir um colar africano. Todas responderam que sim, bem entusiasmadas. Foi entregue para cada criança um prato descartável já modulado. A partir disso as crianças escolheram as cores que desejavam para pintarem seus colares e durante o desenvolvimento das atividades foi observado o comportamento das crianças referente a pintura dos colares. Houve uma troca de ideias entre as crianças sobre o design das cores e pinturas, e ao passo em que elas pintavam conversavam entre si sobre a cor que iriam utilizar e como terminariam. Foi trabalhado nesse momento também a questão de saber compartilhar e esperar a sua vez para fazer o uso do material.

A segunda oficina trabalhada envolveu a construção da pulseira utilizando-se rolo de papel

higiênico. Para iniciar a aula foi apresentada às crianças uma música africana chamada Funga Alafia. Essa canção foi apresentada de forma lenta e calma para as crianças, e conforme a música fosse cantada era feita a tradução de cada palavra. Em seguida foram introduzidos gestos e movimentos bem lentos e, conforme elas iam pegando a música, foi sendo introduzido um instrumento, o caxixi<sup>2</sup>, que já havia sido confeccionado pelo professor regente. Logo após iniciamos a confecção da pulseira com o rolo de papel higiênico, e para isso foram apresentadas às crianças quatro modelos de pulseiras com cores diferentes e foi reforçada também a origem e as cores da pulseira. Logo após o término da atividade as crianças deram uma nova utilidade para a pulseira, uma vez que utilizaram da imaginação e começaram a usar o objeto como uma espécie de bracelete que possuía um poder e todas brincaram desse mesmo modo.

Na terceira oficina continuamos trabalhando com acessórios africanos, sendo realizado a confecção de mais um colar, porém dessa vez utilizamos o macarrão Penne colorido. Foi apresentado às crianças o novo modelo de colar e elas se mostraram bastante entusiasmadas. Foi distribuído para cada estudante um barbante com um nó na ponta e nessa atividade trabalhamos também a coordenação motora fina e a concentração. Algumas crianças tiveram dificuldades no momento de passar o barbante pelo macarrão, no que foram auxiliadas. Ao final da atividade as crianças novamente deram outro sentido aos colares, fazendo o uso deles como uma coroa para a cabeça.

A quarta atividade foi a realização do instrumento africano caxixi, onde fizemos o uso de copos plásticos e adesivos coloridos para o enfeite das produções. Foi apresentado às crianças um modelo do instrumento e foi entregue a cada uma o caxixi pronto, sendo que a atividade consistia em elas decorarem o instrumento ao seu modo. Para isso, elas utilizaram glitter, adesivos e cola. Ao final da atividade foi trabalhada uma música africana, Olelé Moliba Makasi, acompanhada com o instrumento onde elas puderam se expressar como desejaram.

Por sua vez, a segunda autora trabalhou este projeto através de 5 oficinas com foco na capoeira, possibilitando o conhecimento da história da cultura africana e afro-brasileira com crianças do nível III em uma sala de referência com 18 estudantes matriculados. Ainda houve uma culminância no final de todas as oficinas realizadas, para que as crianças trouxessem a exibição dos instrumentos por elas confeccionados.

---

<sup>2</sup> “O caxixi é um pequeno instrumento de percussão que desempenha um papel essencial na música da capoeira. Feito geralmente de vime ou palha, o caxixi tem uma base de cabaça, onde são colocadas sementes ou pequenas pedras que produzem o som característico do instrumento. O caxixi é um instrumento que remonta às antigas tradições africanas, especialmente em regiões como Angola e Congo, de onde muitos escravizados foram trazidos ao Brasil”<sup>1</sup> (Extraído do site [capoeiradobrasil.com.br](http://capoeiradobrasil.com.br)).

A primeira oficina aconteceu através de uma contação de história envolvendo a capoeira, onde as crianças sentaram em roda no tatame para escutá-la. Houve uma contextualização inicial da luta/dança, desde como ela surgiu. Para manter a atenção das crianças, utilizou-se papéis fotográficos com diferentes imagens de crianças em rodas de capoeira, onde os pequenos estudantes olhavam e podiam imaginar e perguntar sobre as diferentes imagens que apareciam. Após apresentar esse breve contexto, as crianças ficaram mais próximas para ver as fotos de perto e a partir daí já começamos uma roda de conversa onde eles viam as fotos e faziam perguntas, desde os instrumentos que estavam nas imagens, passando pelos diferentes movimentos e, na espontaneidade e brincança, tentavam reproduzir os mesmos no tatame.

A segunda oficina nós começamos com uma prática de respirar fundo e soltar o ar em roda no tatame. Após esse exercício de relaxamento, colocamos uma caixa de som pequena no meio da roda onde escutamos uma música que é utilizada para dançar na roda de capoeira do grupo Muzenza, de título Macaquinho no coqueiro. As crianças primeiro ficaram ouvindo e depois elas começaram a bater palma. Quando terminou a música falamos um pouco dos instrumentos da capoeira que fazem esse som bonito que escutamos, e logo em seguida assistimos um desenho animado de cinco minutos que contava sobre os instrumentos da capoeira, chamado KATAKUNTÊ um conto para crianças.

A terceira oficina foi muito especial e bonita, onde as turmas de todos os níveis da CEMEI, juntamente com as suas professoras, participaram de uma grande roda de capoeira. Com a presença de um mestre local de capoeira, houve uma contextualização do que é e do papel da mesma, também trazendo a luta das pessoas escravizadas, e sobretudo aquilo que esta representa para a cultura afro-brasileira. Nesse dia o mestre cantou juntamente com as crianças e professores, embalados pelo caxixi, berimbau e pandeiro<sup>3</sup>. As crianças tocaram e fizeram movimentos da dança, revelando o quanto o contato com a cultura da capoeira provocou envolvimento e conhecimento.

Na quarta oficina as crianças começaram a produzir os instrumentos utilizados na capoeira, sendo confeccionados o pandeiro, o caxixi e o atabaque<sup>4</sup>. Nesta oficina iniciamos com o pandeiro e, antes de produzi-lo, contextualizamos sobre o mesmo e logo após partimos para a sua construção. Na oficina as crianças se utilizaram de papelão, barbante e lacres de latinhas, e para a

---

<sup>3</sup> “O pandeiro é um instrumento de percussão que tem raízes em várias culturas ao redor do mundo, mas sua adaptação e popularização no Brasil ocorreram de maneira única. O pandeiro chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses, mas rapidamente foi adotado e adaptado pelas comunidades africanas e indígenas”. (Extraído do site [capoeiradoBrasil.com.br](http://capoeiradoBrasil.com.br))

<sup>4</sup> “O atabaque é um instrumento de percussão que tem raízes profundas na história africana e brasileira. Sua origem remonta aos povos africanos que foram trazidos para o Brasil como escravos. Esses povos trouxeram consigo suas tradições culturais e religiosas, nas quais o atabaque desempenhava um papel central”. (Extraído do site [capoeiradoBrasil.com.br](http://capoeiradoBrasil.com.br))

pintura dos instrumentos se utilizou tinta guache. Cada uma produziu o pandeiro do seu jeito. As crianças foram muito livres, algumas pintaram somente de uma cor, outras misturaram diferentes cores, algumas um pouco mais perfeccionistas. Foi possível perceber o quanto gostaram de mexer com tinta. Também no início foram apresentados alguns exemplos de pandeiros prontos, o que deixou as crianças encantadas de como ficariam os seus instrumentos.

Na quinta oficina produzimos o caxixi, primeiro apresentando o contexto de surgimento e uso do instrumento e passando, depois, para a confecção do mesmo. O caxixi foi produzido com a utilização de garrafas PET em tamanho mini e sementes de feijão e milho de pipoca, onde as crianças colocavam os grãos nas garrafas para produzir um som. Na percepção lançada, essa foi uma das oficinas que as crianças mais gostaram porque quando terminamos de produzir brincamos um pouco, e logo em seguida a professora perguntou se eles queriam ir para a TV ou continuar brincando com o caxixi, e as crianças optaram por continuar brincando com o instrumento.

Na sexta oficina produzimos o nosso atabaque feito de lata de leite em pó com a forração por meio de cartolina, para que as crianças pudessem produzir as suas pinturas e criações. Dessa vez utilizamos o giz de cera e também a ideia da pintura coletiva, por meio da formação de três grupos com quatro participantes cada. Foi assim que eles coloriram seus instrumentos e depois colaram a pintura deles para decorar os atabaques. Como esse instrumento produz um som bastante alto, as crianças ficaram animadas em tocá-lo, e quando eles conseguiam acertar era notável a interação de todos em compartilhar esta vivência.

Ao término de todas as oficinas as crianças apresentaram para toda a CEMEI uma roda de capoeira utilizando os instrumentos por elas confeccionados, sendo que nessa roda a apresentação se deu ao som da canção Peixe Vivo, interpretada pelo grupo Palavra Cantada.

## **PERCEPÇÕES E SENTIRES DESDE AS VIVÊNCIAS**

Ao se apresentar temas complexos, e aqui destacamos a importância e complexidade dos diálogos envolvendo a história e a cultura africana e afro-brasileira na etapa da Educação Infantil, pode se imaginar de forma rápida e simplista, que as crianças menores não são capazes de compreender tamanho pensamento, porém isso seria não compreender a integralidade das crianças e produzir a sua invisibilidade, as percebendo como incapazes de compreender as diferenças e o mundo a sua volta. Porém as crianças são desde cedo sujeitos históricos, protagonistas que constroem e reconstróem o mundo à sua volta. E por isso é de extrema importância se trabalhar com temas que fazem referência às diferenças e a necessidade de respeito pleno entre as pessoas e as suas demarcações de identidade, como o diálogo desde as etnias, sobretudo com o intuito de se

lutar contra o racismo.

Cabe ao professor em seu papel de mediador construir essa ponte, trazer para as crianças temas importantes para a construção da sua identidade e visão de mundo. A Educação Infantil é um espaço repleto de magias, sons e cores e são essas as condições cruciais que precisamos explorar para que as crianças compreendam de forma mais lúdica as possibilidades para as suas construções de hipóteses, significados e produção do mundo. Segundo Gomes Nilma (2003, p 77)

Cabe ao educador e à educadora compreender como os diferentes povos, ao longo da história, classificaram a si mesmos e aos outros, como certas classificações foram hierarquizadas no contexto do racismo e como este fenômeno interfere na construção da auto-estima e impede a construção de uma escola democrática. É também tarefa do educador e da educadora entender o conjunto de representações sobre o negro existente na sociedade e na escola, e enfatizar as representações positivas construídas politicamente pelos movimentos negros e pela comunidade negra. A discussão sobre a cultura negra poderá nos ajudar nessa tarefa.

Por meio da construção e vivência do projeto buscamos trabalhar com a temática da cultura e da história africana e afro-brasileira através de elementos artísticos onde elas puderam confeccionar suas próprias peças inspiradas em elementos culturais.

Segundo Kupiec, Neitzel e Carvalho (2014, p. 165).

O processo de mediação cultural nos espaços educativos pode contribuir para que se fortaleçam a produção, a dinamização, a interação, a diversidade metodológica que promove a formação estética e artística dos sujeitos. Daí, a relevância de se pensar os espaços culturais como lugares diferenciados para a aprendizagem (2014, p. 165).

Este projeto foi refletido e se tornou mais acessível para poder ser trabalhando com as crianças onde os termos teóricos deram um pouco mais de espaço para a ênfase de trabalhar este conhecimento através da corporeidade, musicalidade e o explorar das crianças, entretanto sempre visando o aprender e conhecer sobre a cultura africana e afro-brasileira e a diversidade que está presente em nosso país. Com isso, dialogar essa temática na Educação Infantil faz com que as crianças tenham esse contato e entendam o quanto é importante para a formação, possibilitando que elas indaguem a cultura e a diversidade, imagens do mundo. Conforme Laureano (2008, p.334-335)

É importante destacar que, se desde janeiro de 2003, contamos com uma lei que alterou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e tornou obrigatório o Ensino de História da África e da cultura afrobrasileira nos bancos escolares, há muito já existiam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que apresentam a transversalidade como proposta de ensino e como um de seus temas a “pluralidade cultural” que visa atender a diversidade cultural brasileira. Aconselha-se a ênfase nas diferentes formações que o povo brasileiro teve, sem que uma cultura sobreponha-se à outra, mas que todas sejam vistas como importantes para a construção da identidade nacional. Esta temática dificilmente é vista sendo trabalhada nas escolas. Ela obrigaria, já antes da lei 10639/03, que os professores dessem uma passada pela África para tratar de nossas heranças culturais.

Foi observado pela primeira autora que durante a confecção dos acessórios trabalhados com a tinta guache, as crianças utilizaram de sua concentração e coordenação motora fina para traçar linhas e dar acabamento em seus colares e também fizeram o uso da comunicação para decidir a cor de seus colares e pulseiras.

Durante o processo da pintura do colar de plástico as crianças fizeram o uso de misturas de tintas e fizeram a explicação detalhada do que estavam fazendo e quais cores estavam utilizando. Foi abordado também a questão de saber esperar sobre o uso da tinta e inclusive saber esperar a secagem da tinta para utilizar outra. Algumas crianças ficaram ansiosas logo após a pintura, pois queriam fazer o uso de outra tinta, onde elas foram auxiliadas a realizar uma pausa para que a tinta pudesse secar.

Após a secagem dos colares os mesmos foram entregues para as crianças ao final da aula que, conforme relatos dos responsáveis, iam chegando em suas casas e apresentando-os a eles. Teve uma criança que inclusive colocou o colar em sua mãe, que se mostrou bastante contente com a atividade do seu filho.

Todas as crianças queriam mostrar o seu trabalho para os pais ou responsáveis, o que transpareceu uma enorme satisfação para eles o compartilhar das suas produções realizadas durante a aula. Para nosso processo de formação também significou a importância da presença dos adultos responsáveis no conhecimento e envolvimento com as atividades das crianças e o efeito positivo que isso causa à elas.

Durante a pintura da pulseira, algumas crianças tiveram dificuldade para traçar linhas retas e formas na pulseira, e optaram por fazer misturas de cores uma sobre as outras o que deu um efeito original. No decorrer do processo da pintura as crianças detalham passo a passo umas para as outras o que estavam realizando e como iriam terminar. Após o término da atividade, as pulseiras foram entregues para as crianças ao final da aula, quando elas utilizaram da imaginação para transformar a pulseira em outro elemento. Se tratava de um bracelete no qual elas utilizavam para lançar algum tipo de “ energia sobre outra criança”, funcionando como o anel do personagem Lanterna Verde ou ainda o lançador de teias do personagem Homem-Aranha. Por sua vez outras crianças utilizaram a pulseira binóculos, olhando através da abertura do rolo. Também neste dia, conforme os responsáveis foram chegando as crianças novamente iam presenteando-os .

No momento da atividade voltada à musicalização as crianças trabalharam a oralidade para recitar uma música em uma outra língua. Nesse momento houve dificuldades para se trabalhar a música juntamente com os gestos, porém os estudantes se mostraram empolgados com o som

instrumental da canção ao introduzimos os instrumentos.

Nos calores confeccionados com o macarrão, as crianças trabalharam a coordenação motora fina, no qual elas tiveram desafios para passar o barbante pelo interior do macarrão. Para isso houve uma orientação inicial e em seguida elas foram auxiliadas e convidadas a realizarem sozinhas. Conforme iam conseguindo, se mostravam animadas com o avanço e conversavam entre si, apontando que haviam conseguido e como. As crianças também fizeram a relação da quantidade de macarrões que passavam pelo barbante. Dessa forma, algumas optaram por fazerem colares mais longos e outras colares mais curtos. Também neste dia, ao final da aula, as crianças exercitaram novamente a transformação/resignificação do objeto, algumas transformando os colares em pulseiras e outras em coroas.

Para o desfecho da oficina trabalhamos um instrumento africano chamado caxixi, onde as crianças trabalharam a criatividade para a decoração dos mesmos. Cada uma escolhia o seu adesivo e a sua maneira de colar. Um dos desafios vividos foi o processo de descolar os adesivos do papel, e conforme iam conseguindo ajudavam-se umas às outras, também vivenciando um contexto colaborativo. Nesses momentos sempre narravam o que estavam fazendo, sendo que ao final da aula foram entregues os instrumentos para as crianças, que os utilizaram para produzir sons, resignificados por algumas crianças que os utilizaram para brincar de bonecos.

Nossas reflexões permitem pensar que o projeto enriqueceu o processo de aprendizagem das crianças onde nós autoras experimentamos o desafio de fazer a roda no tatame e trabalhar com as crianças a contação de história, apresentando aspectos e experiências da cultura africana e afro-brasileira por meio de histórias com personagens negros. Nas oficinas de produção as crianças vivenciaram o trabalho com a tinta, inclusive com a experimentação da mistura das cores para saber qual cor iria ficar, enquanto outros queriam usar somente uma cor. Também a autonomia foi incentivada e trabalhada. Por exemplo, na confecção dos caxixis as crianças trabalharam a ideia de autonomia ao abrir e fechar as garrafas sozinhas, com o movimento de pinça com as mãos para colocar as sementes na garrafa. Nessa tentativa um estudante teve muita dificuldade para conseguir fechar a garrafa e deixamos ele tentar sozinho até conseguir, sendo que ele mesmo manifestava o desejo de querer fechar sozinho. Também a pintura coletiva possibilitou a vivência de uma organização e execução do trabalho coletivo. Sobre a avaliação da aprendizagem, foi possível compreender a apropriação quando as crianças sabiam falar quais eram os instrumentos ao ver as fotos dos mesmos, e também ao cantarem as músicas, lembrando do que havia sido cantado em roda quando da visita do mestre de capoeira. Neste sentido o projeto enriqueceu o trabalho e o movimento de aprendizagem das culturas africana e afro brasileira e uma educação antirracista

desde a Educação Infantil.

Reafirmamos essa leitura, porque a Educação Infantil é a porta de entrada para que as crianças aprendam sobre a diversidade de culturas, e no caso deste projeto é fundamental ressaltar a importância da cultura africana e afro-brasileira. A Base Nacional Comum Curricular (2018) defende os direitos de aprendizagem em seis eixos, sendo eles: conviver, brincar, participar, expressar, explorar e conhecer-se.

Ao pensarmos sobre como a experiência de estágio e projeto provocaram a formação das futuras professoras envolvidas, refletimos que foi desafiador pelo fato de muitas vezes não se acreditar e nem se ver, infelizmente, a abordagem das culturas e histórias do povo negro na Educação Infantil, e pelo fato do tempo envolver cinco oficinas, as quais se objetivou contextualizar questões que pareciam mais distantes do cotidiano das crianças. Nas palavras de Pimenta e Lima (2006, p. 21),

[...] o estágio prepara para um trabalho docente coletivo, uma vez que o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais.

Antes de começarmos as oficinas havia uma ansiedade fruto de entendermos a receptividade das crianças à temática e a própria mediação das estagiárias, porém após o início do projeto e o sentir do clima propício, bem como contando com o apoio das professoras regentes de sala, que apoiaram muito o projeto, assim como as crianças também. Outro importante aprendizado foi a relevância em se trabalhar a partir de projetos de aprendizagem com as turmas, onde a construção sequencial e a presença da coletividade enriquecem os processos formativos de educandos e educadoras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho através do estágio obrigatório na Educação Infantil buscamos de alguma forma trabalhar desde cedo a educação antirracista e neste caso trabalhando através da cultura africana e afro-brasileira, onde percebemos que é possível, que através da observação da realidade e da compreensão sistematizada das manifestações culturais contemporâneas, para mostrar essas culturas que compõem a nossa história e como não se deve trazê-las apenas em datas comemorativas. Da mesma forma é dever do professor trabalhar estes contextos com as crianças, e neste projeto as autoras vivenciaram a articulação teórico-prática com as leis e bases curriculares, e sobretudo compreendendo desde a experiência o quanto esta temática contribui para a ampliação do

conhecimento das crianças.

Conclui-se então que existem desafios a serem trabalhados a respeito dessa temática para a Educação Infantil. Procuramos trabalhar com esse tema de forma lúdica e divertida para que as crianças tivessem o prazer da brincadeira, da arte e do mergulho estético em conhecer sons, cores, objetos e literaturas da cultura africana e afro brasileira. Procuramos levar elementos acessíveis para o manuseio das crianças e também para compartilhar com os professores formas simples de se trabalhar com essa temática.

Através das oficinas apresentamos às crianças desafios que elas ao longo das atividades aprenderam a superar. Foi de grande importância a vivência dessas oficinas na Educação Infantil, pois podemos constatar que as crianças e professores receberam as atividades de forma positiva e concluímos que é possível trabalhar com essa e diversas outras temáticas nesta etapa da Educação Básica por meio de projetos e de forma lúdica e com materiais acessíveis.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 11 mar. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

CAPOEIRA DO BRASIL. Disponível em: <https://capoeiradobrasil.com.br/> Acesso em: 16 nov. 2024.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Maio/Jun/Jul/Ago, Nº 23, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XknwKJnzZVFpFWG6MTDJbxc/?lang=pt> Acesso em: 17 nov. 2024.

KUPIEC, Anne; NEITZEL, Adair Aguiar; CARVALHO, Carla. A mediação cultural e o processo de humanização do homem. **ANTARES: Letras e Humanidades**, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 163–177, 2014. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/2565>. Acesso em: 16 nov. 2024.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

LAUREANO, Marisa Antunes. O Ensino de História da África. **Ciênc. let.**, Porto Alegre, n. 44, p. 333-349, jul./dez. 2008.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e Docência: diferentes

concepções. **Poies Pedagógica**, Catalão, v.3, n.3 e 4, p. 5-24, 2006.